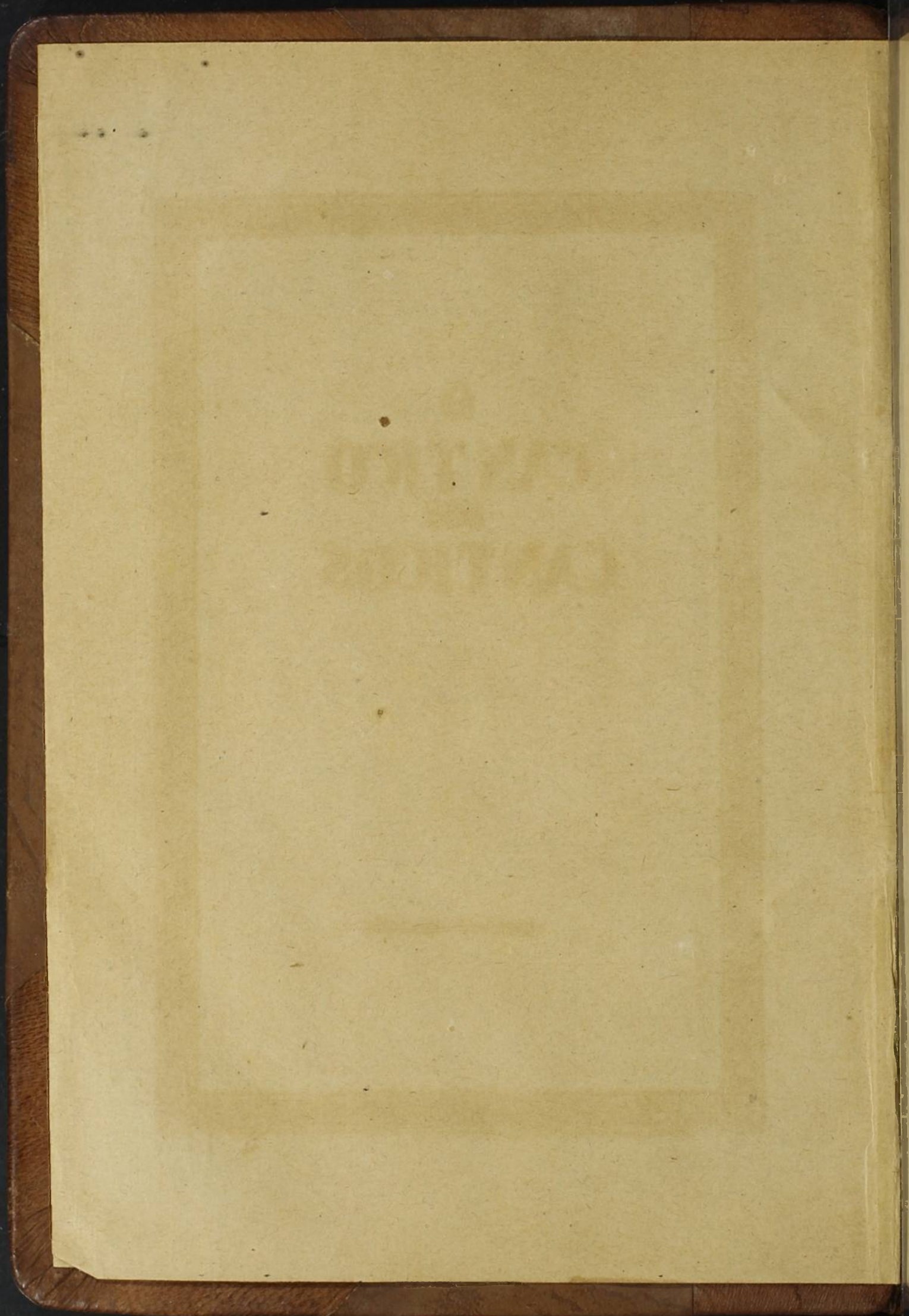


Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

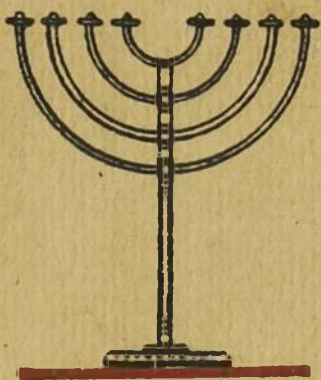
Ex Libris
José Mindlin



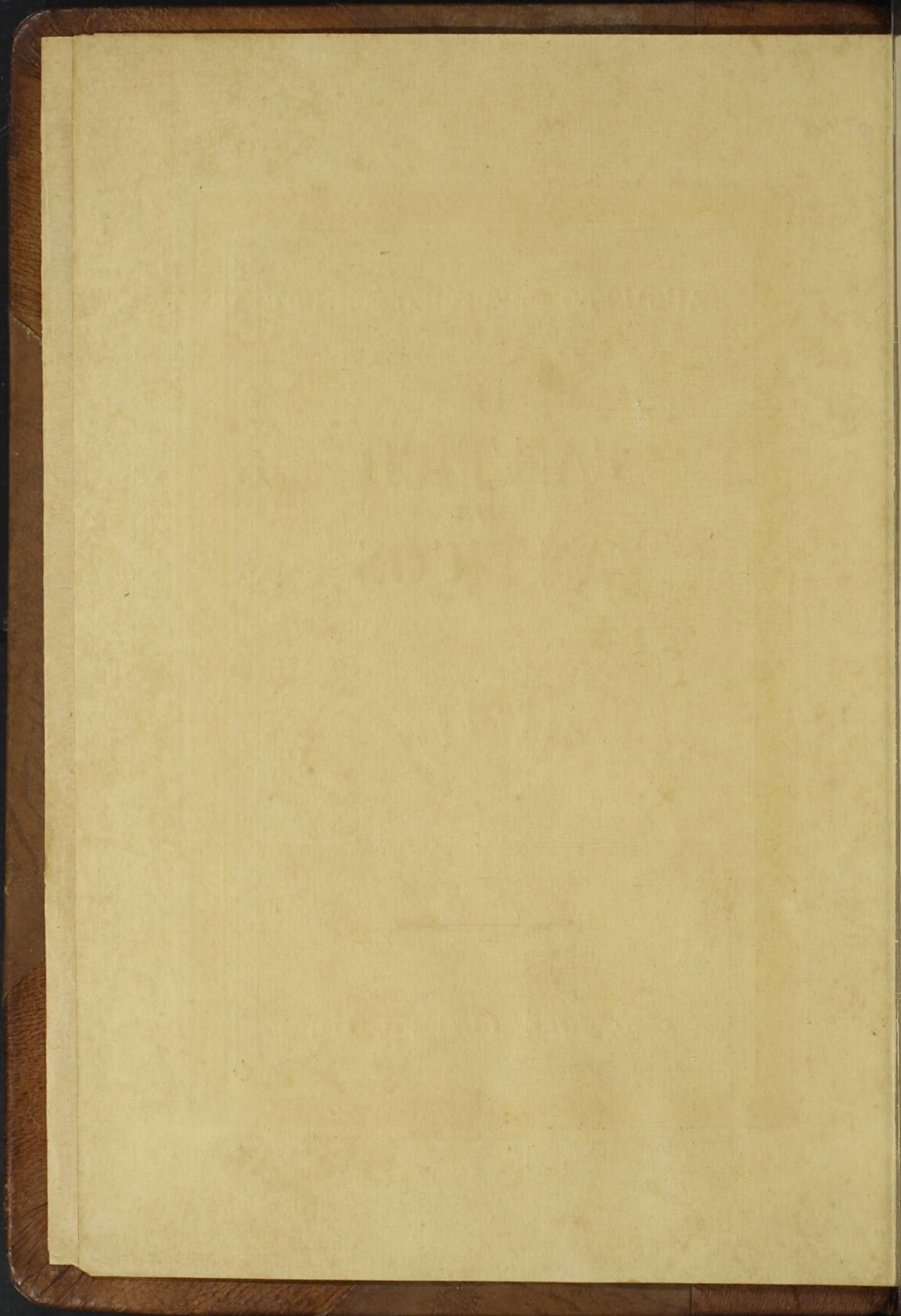
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

O
CANTICO
DOS
CANTICOS

Salomão



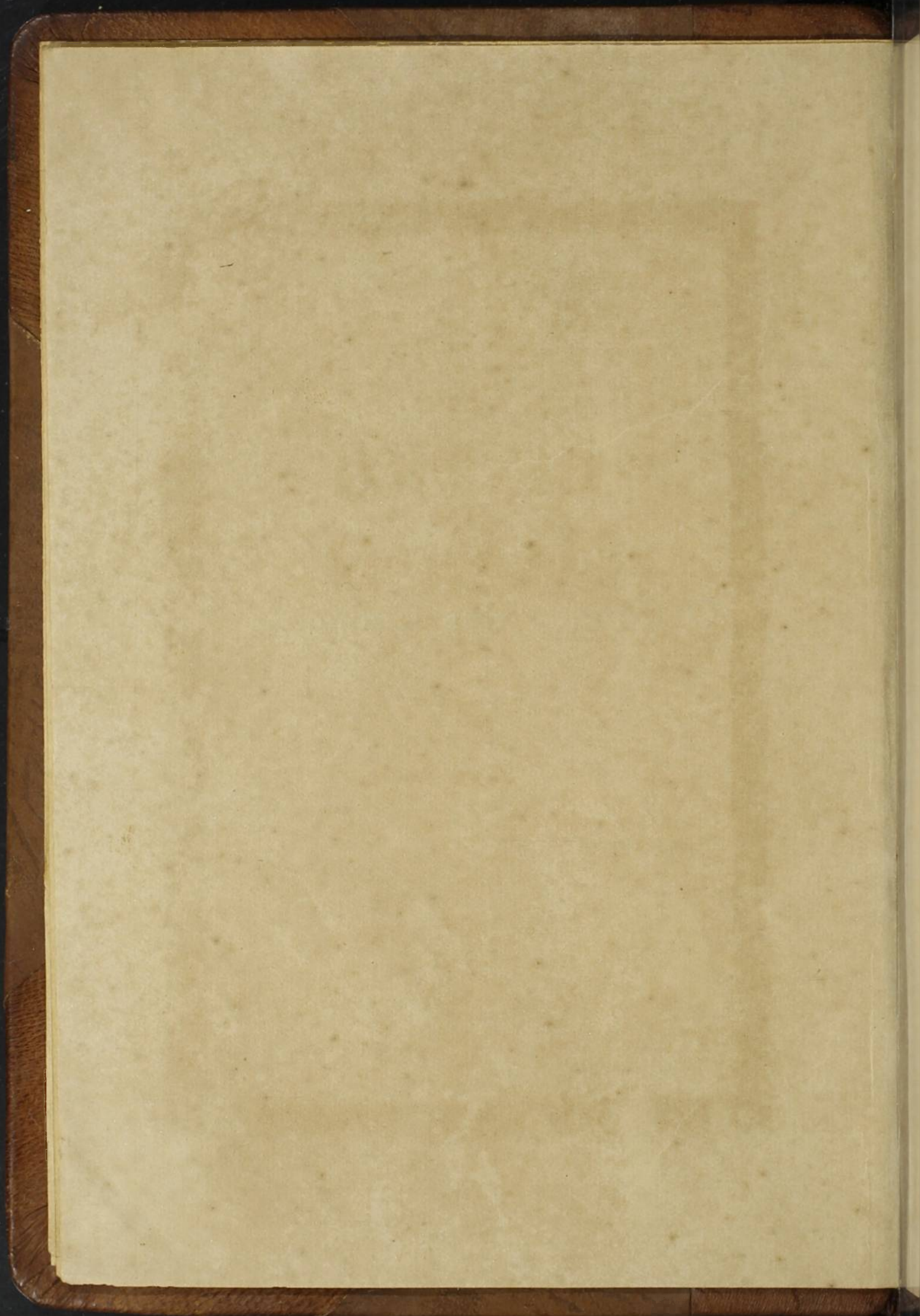
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA



6.

O Cantico dos Canticos





O Cantico dos Canticos

atribuido a
Salomão



Tentativa de versão portugueza
de
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

1938

Livraria JOSE' OLYMPIO Editora

Rua do Ouvidor, 110 — RIO DE JANEIRO

Desta edição foram tirados, fóra de commercio,
vinte exemplares em papel Vergé, numerados e
assignados pelo traductor.

O responsavel pela minha traducção do **Cantico dos Canticos** é o editor José Olympio. A ideia foi d'elle, e foi o seu perseverante desejo que fez se tornar realidade o que, na minha intenção, não passava, e não passaria jamais de um simples e impreciso desejo.

Não conhecendo o hebraico, eu só poderia fazer, como fiz, traducção de outras traducções, e assim, trabalho de pouca originalidade e de valor bem reduzido e relativo.

* * *

Para me aproximar dos jardins de Salomão — em que a moreira e mysteriosa Sulamita era guardada — vali-me, é verdade, de um guia excellente, incapaz de falsear, de mentir e de atraiçoar. Refiro-me ao doutor Mardrus — J. C. Mardrus — o grande orientalista francez, homem de saber, famoso na sua especialidade — e que fez uma transcripção literal e completa dos textos semiticos do **Cantico dos Canticos**.

A fidelidade do Dr. Mardrus ao original do grande poema é assegurada pela austeridade da sua reputação. Creio mesmo que a traducção — Mardrus — é bem mais submissa ao texto hebraico, do que o meu modesto trabalho á traducção franceza, do referido Mardrus. Muitas vezes mesmo, confesso, abandonei o meu reputado introductor nos dominios do grande Rei, para ir buscar em outros interpretes e traductores, um verso, expressão, ou sentido que me pareceram mais bellos ou mais justos.

Na traducção de Franz Toussaint, por exemplo, talvez não muito rigorosamente fiel aos textos mas tão cheia de poesia, colhi muitos trêchos que me impressionaram melhor e que reputei tambem de bôa qualidade poetica — notadamente nos momentos iniciaes do poema.

Renan, traductor e commentador abundante do **Cantico dos Canticos**, ajudou-me outrossim na comprehensão de certas passagens, e num

ou noutro tempo desse livro incomparavel, attribuido a Salomão. A traducção do autor dos **Souvenirs d'enfance et de jeunesse**, não me parece, porem, de grande belleza e felicidade. As proprias qualidades do espirito de Renan, o seu feitio malicioso e prevenido — esse famoso **desdem** renaniano, (que tanto prejudicou no velho e amavel negador, segundo Maurras, a compreensão perfeita da belleza grega —) as inegaveis virtudes de claresa e nitidez de Ernesto Renan, parece, fizeram com que faltasse ao seu **Cantico** o secreto calor e o estranho perfume, a atmospheria de angustia e inquieto deslumbramento, — indeleveis nesse poema que é, no agitado mar, no aspero e sombrio mar do **Velho Testamento**, uma ilha perdida, uma ilha mysteriosa de poesia e de amor.

* * *

Só mesmo estudando demoradamente esse **Cantico dos Canticos** — só mesmo procurando

surpreender o encanto intraduzível dos seus versos — é que me foi possível perceber a ordem, a graça, o movimento e a força desse poema, tão singular, tão diferente e tão humano, desse poema que constitue até hoje um enigma para os que procuram desvendá-lo e interpretá-lo.

* * *

Impossível negar no poema symbolico, no poema sagrado, no poema **inspirado** e mystico, que é realmente o **Cantico dos Canticos**, a presença desse terrível e **long gémissement du rêve dans la chair** do verso de **Anna de Nouailles**. A presença dessa aurora indizível e dolorosa de carne, desse gemido fundo, desse apêllo de um sêr a outro sêr. A presença do amor humano é permanente, essencial e completa em todo o poema. Os signaes numerosos do dominio do amor, estão contidos e formam mesmo a atmospherá, a ambiencia do **Cantico**.

Tocado de uma vida ardente, nascido de uma profunda inspiração amorosa, o **Cantico dos Canticos** é por isso mesmo um poema religioso. Onde o conflicto? Acaso o que é religioso, tem de sêr — sem ressonancias, sem sangue, sem vibração e sem vida?

Santa Teresa de Jesus, comentadora também do poema, não terá levado para Deus, para o serviço de Deus, para o Amor absoluto — para o Amor do Christo — a sua palpitante natureza humana, a sua ardente natureza humana, a sua impossivel natureza?

* * *

Na composição do poema sagrado em que a trigueira Sulamita é immortalisada pela poesia, o elemento humano, o elemento puramente amoroso foi que **despertou**, sem duvida, no cantor — digamos em Salomão — a força para a criação dos quadros lyricos que enchem o livro;

e, foi essa inquietação de amor que inspirou outrosim as imagens tão bellas e fortes, as imagens que não envelhecem, que não se apagam, que não se extinguem, que não perdem, aavez do longo tempo, aavez dos longos seculos, esse encanto, e esse mysterioso e perturbador perfume de vida.

Nesse pequeno poema, nesse **Cantico dos Canticos**, (que não é no entanto, segundo Simon Lando, e outras autoridades, um poema da grande phase classica das lettras hebraicas, mas antes acusa um periodo de decadencia da lingua, já então contaminada pelos estrangeirismos) nesse poema dramatico do **Cantico dos Canticos** — nós encontramos uma synthese e uma imagem plena e viva do lyrisimo semitico, uma paisagem definitiva — embora excepcional da poesia de Israel.

* * *

Vem do **Velho Testamento** um grande sô-
pro de poesia. Do pôvo angustiado, do pôvo
escolhido de que a Biblia nos conta a longa e
obscura historia, vem uma forte, poderosa e
infindavel poesia.

* * *

A poesia do mundo grego, a poesia, a
imagem poetica do mundo grego nasce do mar,
principalmente. E' de Homero, da cidade ho-
merica, da realidade homerica que nos vem, a
grande poesia da Grecia! E' que o mar foi o
agitado scenario das aventuras de Ulisses, o he-
roi subtil. E' que o mar inspirou o genio grego,
é que o mar deu a tudo o que vem da Grecia,
ao que a inteligencia creiou e ao que nasceu da
cultura e do genio grego, um fundo primitivo,
uma base de vida, de movimento e de fulgor,
inapagaveis.

A poesia hebraica nasce e se origina, porém dos grandes campos primitivos, vem da terra antiga e poderosa.

Ao pensarmos em Israel, ao pensarmos no mundo de **Israel**, ao pensarmos no povo, de onde surgiu o Salvador, o Messias, o Transformador do mundo, o que nos desperta o sentido poetico são os dominios patriarchaes, os campos em que os rebanhos apascentavam, as pequenas cidades indecisas e tristes. A poesia de Israel vem da terra, das imensas pastagens e dos trigaes amadurecendo.

E ao evocarmos essa poesia e essas imagens de Israel dos prophetas, dos reis e dos pastores — somos tambem forçados insensivelmente a nos lembrar da contribuição da mulher israelita — como fonte viva do amor, como fonte desse estranho encanto da Judeia — essa mulher israelita que exerceu na historia

do seu povo um papel tão estranhamente nitido e forte.

As heroínas gregas são quasi sempre imaginarias e symbolicas. E' Helena, que é mais um ideal do que uma mulher, são as personagens dos dramas, são as que encarnam as tragedias e os prazeres, as luctas e ao mesmo tempo a belleza serena que os estatuarios fixaram para todo o sempre. São mulheres que desafiam o destino, e são como que as mascaras da fatalidade, da morte, do heroismo e do amor. As mulheres da Grecia se movimentam em côro, não só as da mythologia como as da historia. Fazem geralmente parte da grande massa, do fundo do quadro; compõem o scenario em que os herois se agitam, vivem e realisam as suas aventuras, os seus abandonos e os seus desafios ao destino e aos deuses.

As mulheres de Israel são mulheres bem mais simples, bem mais da vida, bem mais pro-

ximas de todos os tempos, porque mais modestas por ventura. São heroínas mais compreensíveis, realisam coisas mais naturaes, e no entanto conduzem bem mais os acontecimentos de que são por elles conduzidas.

Na **Biblia**, no livro dos livros, assistimos á passagem das esposas, das grandes e bellas creaturas, das escravas, das sacrificadas pela severidade de Jeovah, pela rudez dos patriarchas. São creaturas morenas que recolhem o trigo na época das ceifas, que levam pelas estradas, nas bilhas, a agua fresca das fontes. Mulheres que fazem a impaciencia dos pastores e dos reis que as esperam para as nupcias, para a prolongação da vida na casa patriarchal ou nos palacios, que as esperam para a fundação da familia, dessa familia que se estenderá sobre o tempo — geração sucedendo a geração. Grandes mulheres, as mulheres de Israel. Não são

deusas, não inspirarão senão os amores dos homens. Mas são mulheres vivas, que podemos bem imaginar, depois de tantos seculos, de tanto tempo, de tão longe, que podemos imaginar na enorme distancia, que podemos figurar ainda com uma flor nos cabellos, com um sorriso incompreensivel, com um brilho de febre no olhar.

São mulheres surpreendentes — Rachel, Sarah, Agar, Judith, Esther, Noemi, Ruth, Micol, Abigail e tantas e mesmo essa estranha Abisag, de Sunam, chamada para aquecer o Rei David, na extrema velhice, e que muitos imaginam sêr a inspiradora de Salomão, no **Cantico dos Canticos**.

* * *

Quem foi a Sulamita, quem foi a personagem dessa historia de amor, que é sempre uma bella historia de amor, uma viva historia de amor? Abisag, ou outra qualquer — a Sula-

mita é uma graciosa heroína de Judá. Podemos dizer della, apenas de certo, o que está no **Cantico dos Canticos**, e isto em verdade é muito. Sabemos que era uma virgem — imprudente, uma formosa virgem dos campos e que sabia dansar as dansas mais estranhas, como as bailadeiras de Mahanaim. Sabemos que, um dia, os que seguiam o cortejo do Principe, a prenderam e a levaram para o harem de Salomão.

* * *

Os commentadores, estudiosos, interpretes e traductores, todos enfim, os que até aqui se detiveram, ante o mysterio do **Cantico dos Canticos** — procuraram explica-lo e explicar tambem o problema de litteratura que está contido nesse poema.

As opiniões, porem, foram e são sempre as mais diversas e contradictorias. De todos os mo-

numentos litterarios do povo judeu, escreveu Renan, o "**Cantico dos Canticos** é, sem duvida, o mais obscuro, pelo seu plano, pela sua natureza e pelo seu sentido geral".

As discussões sobre a epocha em que foi escripto o poema, sobre a sua autoria e sobre o que a sua historia nos diz — são discussões interminaveis. Para alguns Salomão escreveu em linguagem figurada, e sob a inspiração directa do Senhor, o encontro mystico entre a Igreja e o proprio Jeovah — para outros, porém, o **Cantico dos Canticos** nos conta apenas a historia de uma incrível e admiravel fidelidade ao amor, a esse Amor que é forte como a morte.

Era a Sulamita, segundo esta ultima interpretação, uma pastora, uma simples mulher das aldeias que um dia se deixou, por curiosidade,

prender e conduzir pelos guardas do Rei, ao harem de Salomão.

Salomão, quando a viu, sentiu-se tocado pela bellesa simples da rapariga, e a amou impetuosamente. Longe porem de se entregar ao Rei do seu pòvo, a Sulamita resistiu-lhe e numa linguagem vehemente a apaixonada defendeu o seu direito de sêr fiel ao pastor bem-amado. Não houve seducção de luxo e de poderio e não houve força que a demovesse, que a levasse a se abandonar ao capricho do soberano apaixonado. A firmesa das suas palavras e da sua attitude, e sua estranha graça a fizeram vencedora nessa lucta desigual e terrivel.

Esta interpretação, a meu vêr é a mais plausivel. Renan a tem como logica, e o grande Goethe, que na sua juventude traduziu tambem o **Cantico dos Canticos**, e considerava então, o poema — como sendo uma reunião de versos hebraicos amorosos e nupciaes, muitos annos

depois, já aceitava a these de Renan, que aliás é a da maioria dos grandes orientalistas; these que faz de Sulamita a heroína da fidelidade, da grande fidelidade ao verdadeiro amor, ao amor que toda a agua dos rios não poderá apagar...

Não está absolutamente no plano destas linhas — (o meu desejo, não é fazer um commentario erudito ao **Cantico dos Canticos**, mas desculpar-me apenas da minha desvaliosa traducção) e não quero, estudar e esmiuçar as questões todas que se relacionam com o poema. Questões de historia litteraria e questões de estylo, são infindaveis e numerosas. Qual o autor do **Cantico dos Canticos**? Em que epocha foi elle escripto? Trata-se de uma experiencia de drama, ou não? São perguntas a que já se teem dado toda a sorte de respostas. Ha toda uma bibliotheca a revolver, e os autores que trataram do assumpto são sem conta; cada qual

mais erudito, mais sabedor e cada qual mais
differente nas suas opiniões.

* * *

Não desejo, porém, encerrar estas linhas
sem dizer que se enganam absolutamente os
que imaginam existir na Igreja Catholica um
ponto de vista rigido e definido sobre o as-
sumpto, salvo na affirmação do alto sentido
moral do poema, que é fonte de ensinamentos
os mais puros e elevados.

Frei Luis de Léon, o celebre professor de
Salamanca, não foi feliz, é verdade, em tratar
desse **El Libro de los Cantares**, assim traduziu
elle, de maneira um tanto livre. Custou-lhe, o
erudito divertimento, os rigores da Inquisição.
E Santa Teresa de Avilla, depois de ter levado
doze annos a escrever um commentario ao **Can-
tico**, em obediencia aos conselhos de um domi-

nicano seu confessor, atirou ao fogo o trabalho sem preço. E' que o assumpto é delicado realmente e é necessario muita attenção mesmo, para nos aproximarmos da historia de Salomão, do Bem Amado e da Sulamita...

Um erudito e inteligente especialista desses assumptos, no entanto, o Padre J. Guitton, discipulo do sabio Padre Pouget — publicou, em 1934, um estudo sobre o assumpto, que me parece modelar pela modestia, conhecimento e altura com que é escripto. Nesse trabalho, cuja publicação foi aconselhada pelo grande — Lagrange — (e que veio a lume, trazendo a aprovação eclesiastica, do Cardeal Verdier) ficamos inteiramente esclarecidos, de que a Igreja não opina sobre a autoria e a epocha do poema, nem sobre o seu sentido de maneira geral. O Padre Guitton nos dá a sua opinião e hypothese sobre o Cantico. "O Cantico é um drama lyrico, nos diz elle, com três

personagens — o Rei Salomão — o pastor e a Sulamita —. O interesse principal desse drama está, em que a Sulamita se mantém fiel ao seu bem-amado — apesar das tentativas reaes". E acrescenta o Padre, a essa opinião, os seguintes argumentos ainda: Que é extremamente improvável tenha podido figurar, como acontece no poema, Salomão como um simples pastor de cabras e não possuindo senão um leito de verdura; isto não corresponde, esclarece Guitton, ao que sabemos, pela Biblia, de Salomão e dos seus habitos. "E mesmo, continúa o Padre, se admittindo que Salomão tenha amado uma rapariga dos campos, terá elle ido visita-la em sua casa — e sobretudo a acompanharia depois das nupcias, á sua aldeia natal"? Tudo isto é improvável e parece indicar pertencer o autor a uma epocha bem afastada do reinado de Salomão.

Não quero, porém, me demorar mais nesses assumptos e hypotheses — a vida é breve e uma só vida não basta para esgotar os numerosos themas que o enigmatico Cantico dos Canticos provoca e desperta.

Que nos importam as origens, se podemos possuir a poesia **Cantico dos Canticos** e os seus ensinamentos e as bellas da imaginação e do amor que alli estão contidas? Que nos importa a autoria, se o poema vive por si, e não precisa de autor? A' rosa que nasceu e exhibe o seu breve e matinal esplendor — será inteiramente necessario que examinemos a roseira e a terra de que se alimenta?

O **Cantico dos Canticos** é uma rosa fragil e estranha que surgiu na sombria, antiga e mysteriosa terra de Israel.

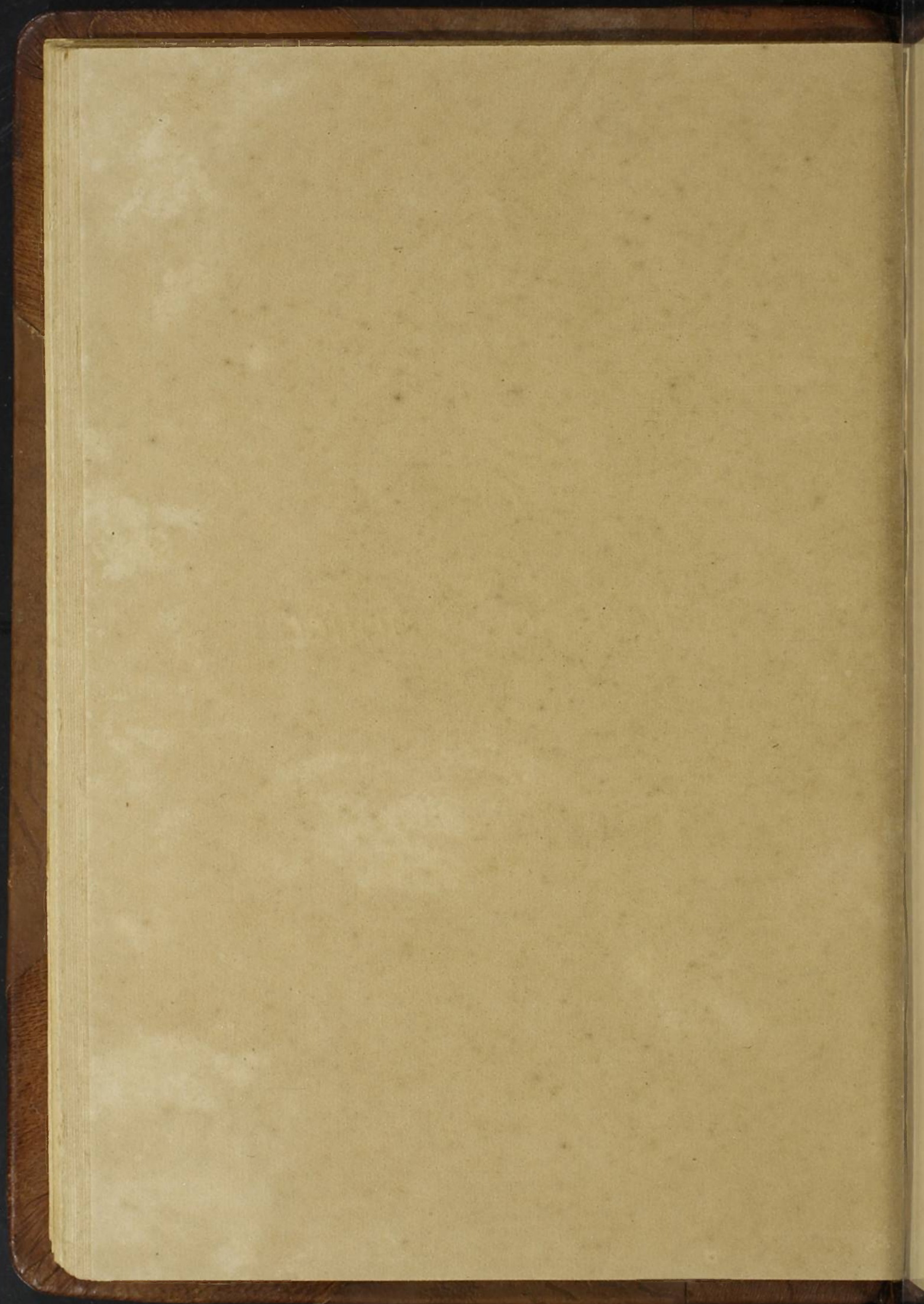
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Rio, Junho de 1938.

O. ...
...
...
...
...
...
...
...
...
...

O

Cantico dos Canticos



O cântico dos cânticos

Como os teus beijos, meu amor, machucam
os meus lábios!

Os beijos da tua bôca embriagam mais do
que o vinho.

E o teu hálito tem mais perfume do que a
aragem que traz o aroma dos jardins.
Quando pronuncio o teu nome, dele nasce
um perfume que perturba as rapari-
gas...

Arrasta-me, amado meu! Quero fugir para
tua casa, e lá, ardendo de amor, me
entregar a todos os teus carinhos.

Eu sou trigueira assim — oh! filhas de Jerusalem — mas sou bela como as tendas de Kedar e como os pavilhões de Salomão.

Se fiquei morena — filhas de Jerusalem — foi porque o sol me olhou!

Os meus irmãos, no entanto, me despresaram. Elles me fizeram guardiã de vinhas.

E eu consenti que um vindimador penetrasse um dia na minha própria vinha!

Bem amado do meu coração, eu quero saber onde apascentas as tuas ovelhas, e para que recantos de sombra as conduzes na hora ardente do meio-dia.

As raparigas

Oh! tu que és a mais bella das mulheres, procura o caminho das suas ovelhas e guia as tuas cabras para a cabana dos pastores!

Tens a esbelteza dos cavallos dos carros do Pharaó.

Do teu pescoço de pérola é que vêm os reflexos que irisam as tuas faces.

Em torno de ti dançaremos, e as nossas danças te envolverão de ouro e de prata.

A Sulamita

E' para o meu bem amado que é tão oloroso
o meu nardo.

Meu bem amado é um ramo de myrrha que
repousa entre os meus seios.

Meu bem amado é um cacho de uvas das vi-
nhas de End-Ghed.

O Bem Amado

Oh! como és bella, minha amiga!

Os teus olhos são duas pombas languidas.

A Sulamita

E tu, amado meu, como és formoso e gentil!
Como és digno do meu amor!
O nosso leito será alcatifado de flôres.
Os tectos da nossa casa serão de cyprestes,
e de cedro as suas columnas.
Eu sou a Rosa do Saaron, o sorridente narcisso,
o lyrio do valle!

O Bem Amado

Como o lyrio entre os espinhos, assim é a minha amada entre as suas companheiras.

A Sulamita

Assim como a macieira entre os cyprestes do bosque, é o meu amado entre os seus amigos.

Eu me abriguei á sombra da minha arvore querida e os seus fructos se desmancharam na minha bôca.

Meu bem amado me conduziu ao seu palacio encantado e eu me envolvi na flamula do seu amor.

Dae-me — oh! minhas irmãs — bolos de uvas para que eu restaure as minhas forças.

Dae-me maçãs odorantes para que eu reani-
me os meus sentidos.

Eu estou doente de amor!

Mas eis que o meu amado segura a minha ca-
beça com a sua mão esquerda e me
enlaça com o seu braço direito.

O Bem Amado

Eu vos conjuro, filhas de Jerusalem, pelas gazelas e pelas corças dos campos, deixae dormir, não perturbeis o somno da que amo e está em repouso.

Não a desperteis, até o momento que o Amor escolher.

A Sulamita

Eu ouvi a voz do meu bem amado. Eu ouvi a sua voz. E' elle.

Ei-lo que vem a mim! Ei-lo que vence as montanhas e as collinas. Meu bem amado parece um cabrito montez!

Elle chegou. Eu o vejo enfim! Está palpitante. Fatigado, o meu bem amado se encosta ao muro da minha casa. O seu rosto brilha entre as folhas do parreiral.

O meu bem amado me diz: "Levanta-te, minha querida, belleza minha, e vem

— o duro inverno já passou e, até ao outomno, as chuvas não cahirão mais. As rosas nascem de novo na terra tranquilla. E' o tempo das canções.

Os passarinhos cantam nas arvores.

Nas figueiras, os doces fructos amadurecem.
E, dos vinhedos em flôr, o vento traz um suave perfume.

Levanta-te, amor meu; levanta-te, oh! beleza minha, — e vem! Levanta-te, oh! minha pomba dos asperos rochedos, — e vem!

Faz-me ouvir a musica da tua voz e acaricia, com o teu olhar, o meu olhar!"

Como um importuno pastor que apascentasse o seu rebanho entre os lyrios,

Como as jovens raposas que assaltassem os vinhedos em flôr; —

(Aprisionae — oh! minhas irmãs — essas pequenas raposas destruidoras,

Prendei, para mim, esse jovem pastor!...)

O meu amado passeia, entre os meus lyrios e
no meu vinhedo, o rebanho dos seus
beijos.

Meu bem amado é meu inteiramente e eu sou
toda delle. Eu o guardarei commigo
até que a noite fuja. Eu o guardarei
para mim até a hora sanguinea em que
o delicado vento da aurora se esgueira
pelos olivae. Somente então consen-
tirei que elle, como um cabrito mon-
tez, galgue as montanhas que separam
a sua morada da minha.

Durante a longa noite, sozinha no meu leito,
Procurei, apaixonadamente, aquelle por quem
arde minha alma.

Procurei-o, mas não o encontrei.

E, por isso, abandonei a minha casa e me fui
errando pela deserta cidade atravez
das ruas e das praças publicas,

No desejo de o encontrar, de encontrar aquel-
le que fez arder a minha alma.

Por todos os lugares o busquei e a todos indaguei por elle, inutilmente.

Ao defrontar os zeladores nocturnos, na sua ronda pela cidade, lhes perguntei: "Acaso, homens da lei, não vistes aquelle por quem meu coração se perdeu?"

Mas elles seguiram o seu caminho, sem me responder sequer.

Mal haviam, porém, se distanciado dos meus olhos, os que guardam a noite na cidade, — foi então que encontrei aquelle que se apossou do meu coração.

E eu o guardei commigo e não mais o abandonei emquanto não consegui leva-lo para a casa de minha mãe,

Para o quarto secreto da que me trouxe no seu seio,

E, lá, elle foi meu e eu fui d'elle inteiramente.

O Bem Amado

Filhas de Jerusalem, eu vos peço, pelas corças e pelas gazelinhas dos campos, deixae dormir o seu somno aquella que amo, deixae-a continuar o seu somno até que o amor a venha despertar.

As raparigas

Quem é esta que vem do deserto, quem é
esta mulher que parece uma columna
de perfume em marcha?

Em torno della, volteiam e dançam todos os
perfumes.

Eis a liteira do rei Salomão.

Em torno della vêm sessenta guerreiros de Is-
rael, sessenta heroes do povo guerreiro.

Todos trazem gladios brilhantes como flamas,
Todos são soldados que em duras batalhas fo-
ram provados.

Estão armados e prevenidos contra as ciladas
das trevas.

A liteira do rei Salomão é feita de madeira
do Libano,

Suas columnas são de prata massiça,
E' de ouro e de purpura a sua cabeceira
E o seu assento é um bloco de ouro esculpido.
As almofadas são bordados maravilhosos em
que se excederam as habéis mãos das
filhas de Sião — Contemplae o rei
Salomão na sua gloria.

Elle traz a corôa que sua mãe lhe deu no dia
dos seus esponsaes,
No dia do grande triumpho do seu coração.

O Bem Amado

Como és bella, meu amor! Como és bella!
Teus olhos, atravez do veu, são duas pombas
ansiosas.

Os cachos dos teus cabellos semelham ás ca-
bras suspensas nas collinas de Galaad.

Teus dentes são brancos como as ovelinhas
que se banharam depois da tosquia.

Teus labios são de velludo vermelho.

Tua bôca é uma delicia.

Tua voz é um canto de harpa.

As tuas faces são como duas frescas romãs
que amadurecem ao sol do teu olhar.

Teu pescoço tão fino e tão bello, com os
seus collares e adornos,

Parece a Torre de David em que estão sus-
pensos os tropheos dos heroes.

Teus dois pequenos seios são como dois ca-
britinhos gemeos que, sem abandonar
sua mãe, se apascentam entre as açu-
cenas.

Eu irei, amada minha, antes que chegue a ho-
ra em que se levanta o sôpro da tar-
de.

Antes que a brisa sussurre entre os oliveiraeis,
Irei á montanha da myrrha e á collina do in-
censo.

Irei procurar-te perfumosos presentes!

Como és bella, oh! minha amada!

Em ti, não ha nenhum só traço do imperfeito.

Vem do Libano commigo, noiva minha!

Do alto do Amara, dos cimos do Sanir e do
Hermon, contemplaremos as cavernas
que disputarei aos leões e aos leopar-
dos.

Vem commigo do Libano, irmã e esposa minha, —

Oh! tu que dominaste o meu coração com um só olhar,

Oh! tu que me prendeste com um só dos cachos dos teus cabellos!

Como é estranho, como é mysterioso o teu encanto,

Como é raro o teu amor, oh! minha irmã e minha noiva.

O teu amor é mais de entontecer do que o vinho e mais suave do que o mais suave dos licores.

Teus labios escondem e guardam uma fonte de mel.

Tua roupa tem o cheiro balsamico do Libano. Minha amiga e minha noiva, — tu és um jardim fechado, uma fonte secreta, uma occulta nascente.

Tu és o Eden primitivo, onde os aromas se embriagavam com os seus proprios perfumes.

Onde, em louvor do nardo, se balançavam os
cachos de uvas,
Onde o cinamomo sorria para o açafreão,
Onde a rescendente gamelleira seduzia o aloes
perfumado,
Onde a myrrha celebrava as suas nupcias com
o cardamo,
Onde a alma encantada de todas as essen-
cias se exalava.
Tu és — oh! amada — a nascente magica
que surge nos dominios dos Genios.
Tu és a agua azul dos lagos.
Tu és a agua viva que desce das alturas do
Monte-Libano.
Doce brisa do Norte, levanta-te discretamen-
te.
Levanta-te, e vem com a brisa do mar, tua
irmã.
Vinde, as duas, soprar para as bandas em que
vive a minha amada,
Para onde se oculta o meu paraíso.
Vinde e trazei os perfumes embriagadores.

A Sulamita

Que o meu bem amado penetre no seu pa-
raiso,

Que elle venha visitar o seu feerico jardim,

Que elle possa fruir, da sua amante fiel,

Os secretos primores.

O Bem Amado

Eu penetrei — esposa minha — no meu pa-
raiso.

Eu visitei o meu jardim encantado.

Eu provei dos seus fructos secretos.

Eu me dulcifiquei com as essencias e o seu
mel.

Eu me embriaguei com os licores filtrados nos
seus aromas.

E encontrei fechado o jardim, portas selladas,
e todo elle dedicado ao amor.

Bebamos juntos ainda uma vez, — oh! minha
esposa e embriaguemo-nos da embria-
guez do amor.

A Sulamita

Eu estava adormecida, mas o meu coração
velava inquieto.

Enfim, é a voz do meu amado que estou ou-
vindo!

E' elle mesmo que bate na porta!

O Bem Amado

Abre-me a tua porta, oh! minha amante e mi-
nha irmã,

Abre-me a tua porta, oh! pura amiga, oh! mi-
nha pomba.

Eu venho á tua procura sob o orvalho das
noites, com os humidos cabellos ao
vento.

A Sulamita

"Eu já estou despida. Como me poderei vestir de novo?

Eu já lavei e purifiquei os meus pés. Como os irei manchar outra vez?"

Foi então, o meu bem amado estendeu pela janella a sua mão e eu estremecei toda. E o meu seio estremeceu.

Levantei-me para lhe abrir a minha porta.

E inundei da myrrha, que corria entre os meus dedos, os ferrolhos.

Abro a porta, ao meu bem amado, mas —
ah! — não mais o encontro. Elle não
está mais.

Partiu, de certo, desapareceu, fugiu!

E minha alma tombou dentro de mim e eu
propria tombei como morta!

— Depois, sahi á procura do meu bem amado.
E os guardas que fazem a ronda da cidade
me encontraram.

E, porque eu estava despida, me reprehende-
ram e me maltrataram.

"Eu vos conjuro — oh! filhas de Jerusalem —
Eu vos supplico pelas vossas proprias vidas e
pelas vidas dos vossos olhos.

Se encontrardes, acaso, o meu amado falae-
lhe por mim.

Dizei-lhe que eu vou morrer de amor."

As raparigas

Porque nos supplicas assim pelo teu bem amado? Que superioridade terás encontrado nelle, oh! tu que és a mais bella das mulheres?

Que differença entre elle e os outros amantes terás tu surpreendido, oh! incomparavel?

A Sulamita

Meu bem amado é alvo e vermelho.
Entre dez mil adolescentes, elle se destaca.
O seu rosto é dourado.
Os seus cabellos negros são leves como os
ramos novos das palmeiras.
Seus olhos são duas pombas se banhando num
rio de leite.
Suas faces são duas petalas de rosa.
Sua bôca é uma flor de romã distillando ben-
joim.
Suas mãos são trabalhadas em ouro e enfei-
tadas de jacinthos.

Seu ventre é de um marfim perfeito.
As suas pernas são como columnas de mar-
more em bases de ouro puro.
Meu bem amado se assemelha ao Libano.
Elle é esbelto como uma espada.
No seu palacio é que mora a doçura.
Elle é recto e seductor como um cedro jovem,
e formoso como o Libano.
Assim é o meu bem amado, assim é o meu
amante — oh! filhas de Jerusalem.

As raparigas

Nós o procuraremos contigo.

Diz-nos apenas, oh! formosa entre as formosas: para que direcção fugiu o teu amante?

A Sulamita

Ah! — raparigas gentis — como o poderei
eu saber?

O meu bem amado fugiu, como os perfumes
se evaporam,

Na hora em que estava apascentando o seu
rebanho de beijos entre os meus lyrios.

Procurae-o do lado das rosas ou onde se en-
contram os jasmims.

E' tudo o que vos sei dizer — minhas irmãs —
Daquelle dominador, que se apossou do meu
coração.

O Bem Amado

Tu és bella, amiga minha, como Jerusalem na sua gloria e tão encantadora como Thersa.

Mas tu és mais terrivel do que um exercito em marcha.

Affasta de mim os teus olhos, os teus olhos que me apunhalam.

Por elles, desde logo, me confesso captivo e vencido.

Ainda que estivesses cercada de sessenta rainhas, de oitenta cortezãs e de virgens

admiraveis, — todas diriam que tu
és a mais bella, oh! minha pomba, oh!
minha amada!

Tua mãe deu ao mundo a maravilha das ma-
ravilhas.

As tuas ancas têm curvas como os collares
trabalhados por mãos de artistas.

Teus seios são duas taças repletas de um vi-
nho perfumoso.

Teu corpo é um trigal cercado de lyrios syl-
vestres.

Teus olhos são como os dois lagos de Hese-
bon, em que se reflectem as muralhas
de Bath-Rabbim.

Teu rosto tem a nobreza da torre que corôa
o Libano e da altura contempla Da-
masco.

Teu rosto se perde nas nuvens,
Como o cimo do Carmello.

As nuvens onde o teu rosto se perde são as
ondas dos teus cabellos.

Foi sufficiente um só dos aneis de teus ca-
bellos para prender um rei.

Como tu és bella! oh! como és bella!

Oh! meu amor triumphante, oh meu exaltado
amor!

Teu corpo é como a palmeira que se curva
ao peso dos seus fructos.

Eu subirei na minha palmeira e abraçarei to-
das as suas palmas.

E o teu halito, como a brisa que tivesse esfo-
lhado rosas, refrescará o meu rosto.

As raparigas

Volteia, oh! Sulamita! Tua dança é como um
incendio nas ceifas!

A Sulamita

O vinho de minha bôca correrá para a do meu bem amado. Bastará que elle entreabra os seus labios, sem se accor-
dar...

Pertenço ao meu bem amado, e sei que o seu desejo é como um cabrito impetuoso.

Vem, vem commigo até a minha morada...
Prometto-te que te deixarei penetrar no meu jardim, onde as laranjeiras e as romanzeiras estão em flôr. Lá, dar-te-ei o meu amor. Lá, colherás os fructos que se impregnaram do perfume da mandragora, fructos que guardei para a tua alegria. O tempo ficará suspenso. Uma musica indefinivel se estenderá dos meus cyprestes ás minhas palmeiras.

Oh! se tu fosses meu irmão, eu poderia verte, beijar o teu rosto, falar-te, sem in-

correr no desprezo publico. Mas eu quero te conduzir á casa de minha mãe. Tu me acariciarás no mesmo quarto em que fui concebida e eu te farei beber o vinho perfumado de romãs. Sustenta, bem amado, a minha cabeça com tua mão esquerda e aperta o meu corpo com a direita!

O Bem Amado

Filhas de Jerusalem, eu vos conjuro pelas gazelas e pelas corças da planicie, deixae dormir aquella que amo, deixae-a continuar o seu sonho, até que o amor a desperte.

As raparigas

Ella chega do deserto, apoiada, em lascivo
abandono, sobre o seu bem amado ..
E então as abelhas abandonam as flôres
E as palmas inclinam-se para sauda-la,

O Bem Amado

Tu dormias coberta pela macieira que te viu
nacer, e eu te accordei . . .

A Sulamita

Guarda-me no teu coração como um ferrete,
guarda-me como um ferrete nos teus
braços, pois o Amor é forte como a
Morte e inflexível como o Inferno!
Seus terríveis ardores emanam do Eter-
no. O dilúvio não poderia extinguir o
Amor. As águas de todos os rios não
o poderiam afogar. O homem não po-
de comprar o Amor, nem se poupar
ao ridículo deste desejo.

As raparigas

Temos uma irmãzinha cujos seios estão apenas ainda amanhecendo... Onde esconderemos nossa irmãzinha no dia em que o seu apaixonado a procurar?

Se ella fosse um muro, nós o guarneceríamos de laminas de prata.

Se ella fosse uma porta, a reforçariamos de madeiros.

Se fosse um regato, nós lhe fariamos uma abobada de galhos.

A Sulamita

Eu sou uma muralha inquebrantavel, e meus seios são como torres!

Achei a paz, porque elle me ama.

Salomão possuia uma vinha cuja exploração elle deixou a servos que lhe deviam pagar um dizimo de mil siclos cada anno. Sou a dona da minha vinha e offereço-te todas as suas uvas.

Mas tu quererás acaso dar duzentos siclos ás moças que me guardaram...

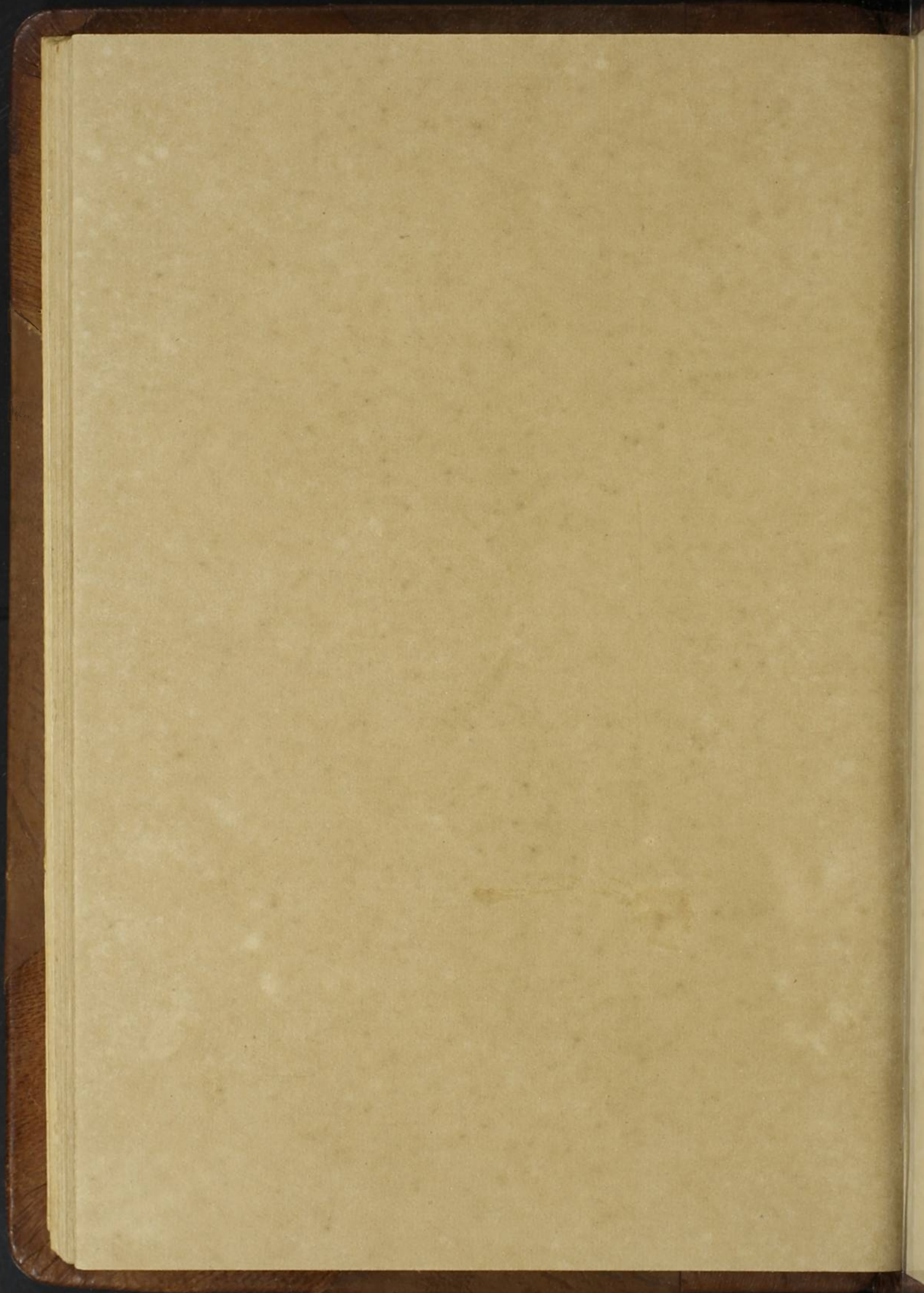
O Bem Amado

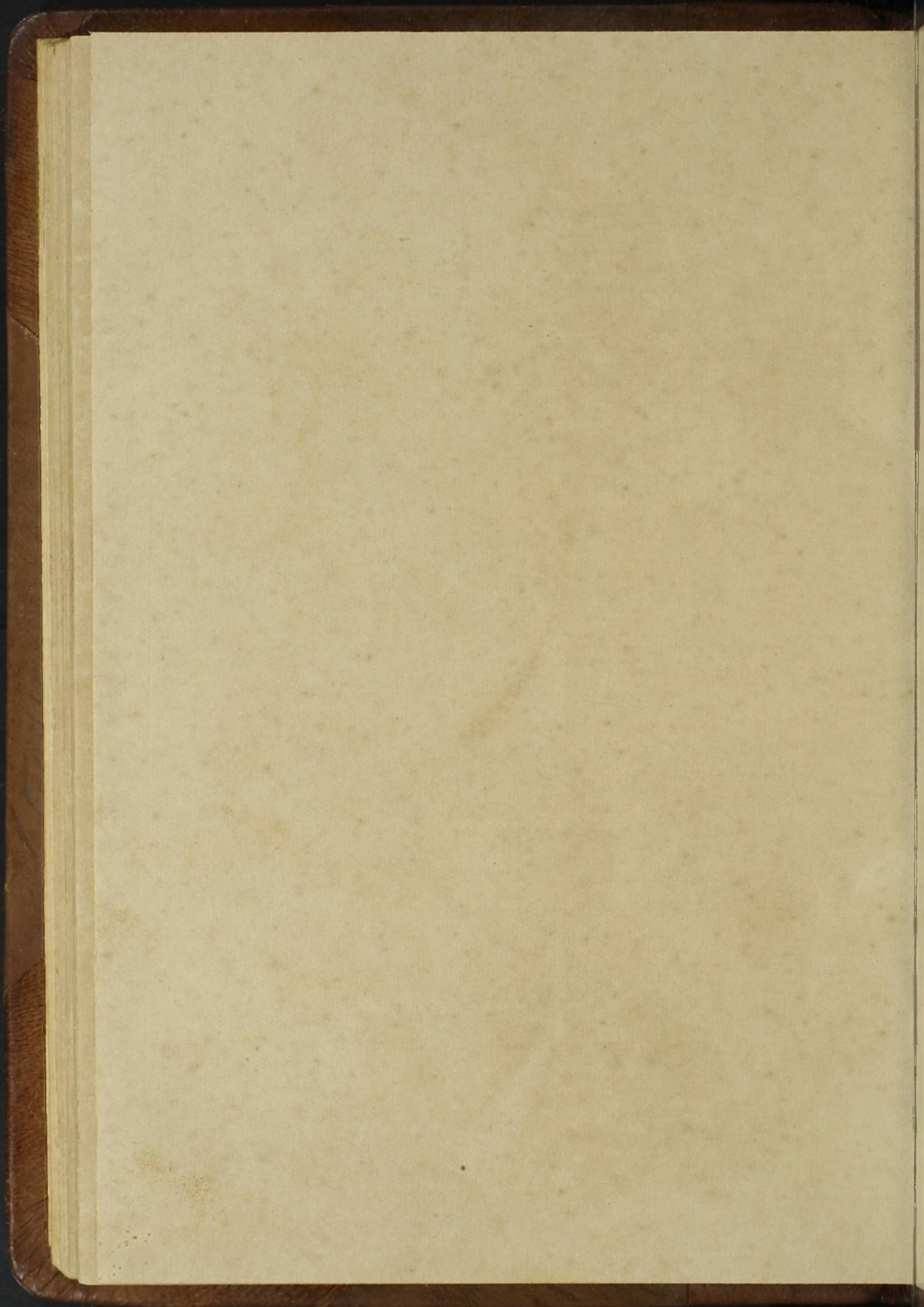
Soberana dos jardins, fala ainda...

A Sulamita

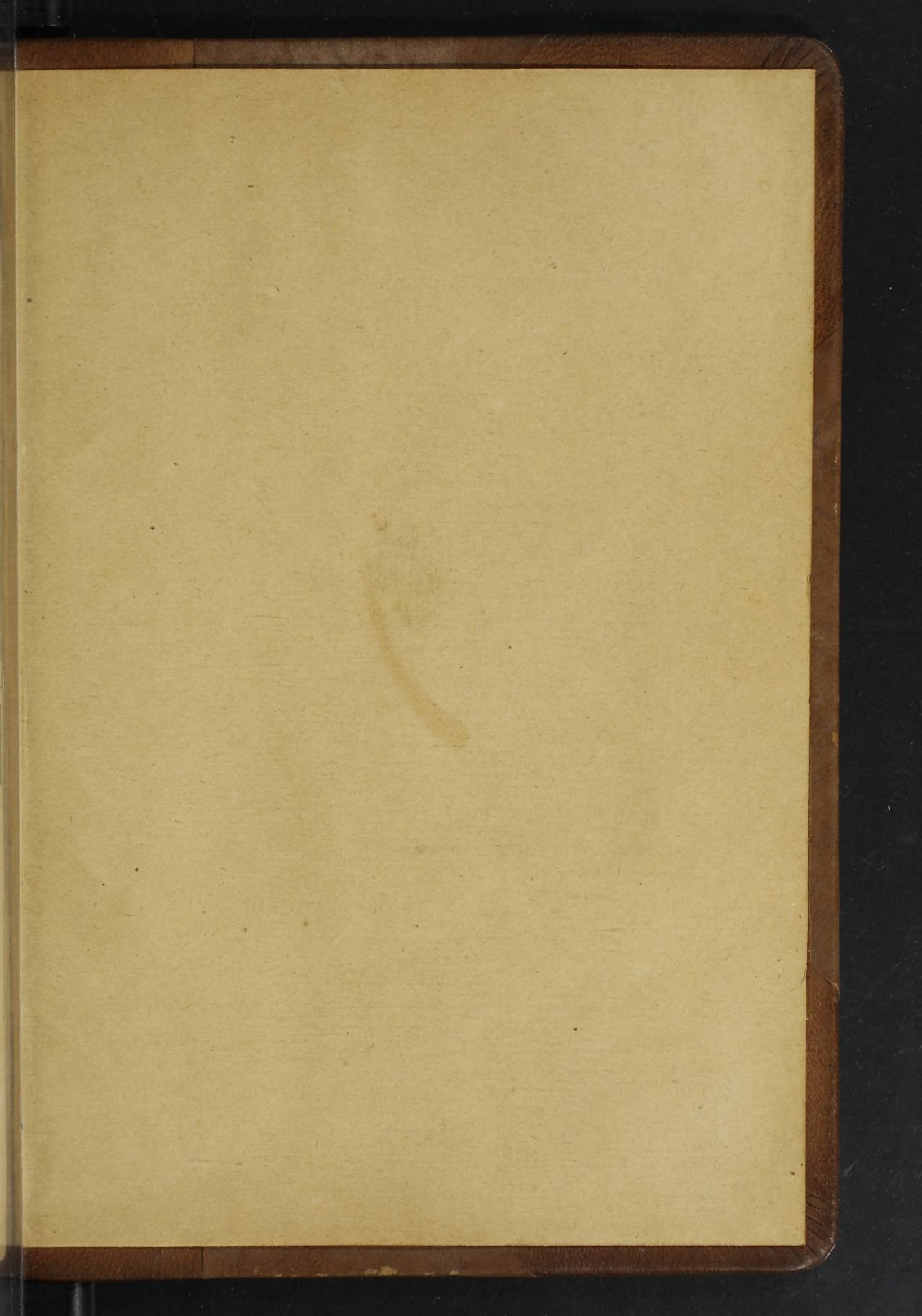
Foge, meu bem amado! Foge! Vae e salta
como um cabrito montez, atravez das
montanhas perfumadas...

★ Este trabalho foi composto e impresso na Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes" á Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo, para a Livraria José Olympio Editora, Rio, em outubro de 1938.









25352

